

Primavera dos Jornais: imprensa e revoluções de 1848

Rafael Duarte Oliveira Uenancio¹

Resumo

O presente artigo busca apresentar um breve resumo histórico das Revoluções de 1848, dando destaque à participação da imprensa na luta revolucionária. Abordaremos aqui os movimentos revoltosos ocorridos na França, Estados Alemães, Sicília, Estados Italianos, Áustria, Hungria e Brasil. O objetivo é mostrar que os jornais foram de decisiva participação, provendo as palavras-de-ordem revolucionárias, e que essa característica pode ser levada em conta no agrupamento histórico para fins teóricos dessas insurreições.

Palavras-chave: *Revoluções de 1848; Jornalismo; Palavra-de-ordem; jornais partidários.*

Sabemos que o termo Quarto Poder surge na própria gênese da Imprensa: o seu criador foi o filósofo e membro da Câmara dos Comuns britânica Edmund Burns, por volta de 1790. Na realidade, Quarto Poder é uma má tradução do termo para o português. O termo original é *Fourth Estate*, ou seja, Quarto Estado.

Ou seja, nos tempos da Revolução Francesa, o clero é o Primeiro Estado, a nobreza é o Segundo Estado e a burguesia é o Terceiro Estado. Na Grã-Bretanha de Burns, a divisão é bastante parecida: o Parlamento britânico era dividido em Lordes Temporal (nobres), Lordes Spiritual (bispos) e os Comuns, configurando assim os três Estados que faziam “companhia” à Imprensa.

Talvez, a melhor explicação do significado dessas palavras pode ser encontrada cinquenta anos mais tarde, em 1841, com Thomas Carlyle, reitor da Universidade de Edimburgo:

¹ Graduando em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Também é autor do livro *Difusão Metropolitana e Divulgação Científica* (Ed. Plêiade, 2007).

Burke disse que havia três Estados no Parlamento; mas, na distante Galeria dos Repórteres, sentava um Quarto Poder mais importante do que todos. Não é modo de dizer ou um comentário espirituoso, é um fato literal – muito significativo para nós atualmente. Literatura é nosso Parlamento também. Imprensa, que vem necessariamente da escrita como digo normalmente, é equivalente à Democracia: inventada a escrita, Democracia é inevitável. Escrita traz Imprensa; traz Imprensa universal, cotidiana e espontânea, como vemos no presente. Qualquer um pode falar. Falar agora para toda a Nação vira um poder, um braço do Governo, como peso inalienável na feitura de leis e em todos os atos de autoridade (CARLYLE, 1997: 87-8 – tradução minha).

O Quarto Poder surge ideologicamente, no limite, na contraposição dos próprios Partidos Políticos. A Imprensa representa o povo como uma única instituição que abarca todas as vozes, já os Partidos Políticos só o fazem quando estão em pluralidade no Parlamento.

No entanto, isso é apenas ideologicamente. Na verdade, Partidos Políticos e Imprensa possuem a mesma raiz comum, tanto na Europa como nos Estados Unidos e no Brasil. Os jornais, no princípio de sua consolidação como principal instituição da esfera pública, foram as vozes dos Partidos. Na formação da esfera pública burguesa, esse é um fato-chave. Imprensa e Partidos Políticos andavam lado-a-lado nas lutas públicas.

Ora, voltando um pouco antes da idéia de Quarto Poder, a liberdade de imprensa britânica já transformava jornais como *The Craftsman*, no período de 1727 a 1742, em intermediários da antítese *whig-tory* na esfera pública britânica. Assim, se a oposição política “havia sido, até então, possível como tentativa de impor à força interesses sob a forma de frentes e de guerra civil; agora, intermediada por um público politizado, ela assumiu a configuração de permanente controvérsia entre partido do governo e partido da oposição” (HABERMAS, 1984: 82).

No entanto, não tarda para os jornais saírem do caráter intermediador para se tornarem dogmáticos e identificáveis com determinados Partidos ou facções partidárias. Na busca de exemplos próximos, podemos lembrar que no período de 1815 a 1821, os periódicos brasileiros começam a luta pela Independência. “Mas, se vários jornais defendiam a Independência, outros procuravam combatê-la. Na Independência, a imprensa se caracterizava por ser extremamente doutrinária, relegando a informação para segundo plano” (LOPES, 2008: 8).

Nessa época do jornalismo literário, os fins econômicos vão para segundo plano. Os jornais são escritos com fins pedagógicos e de formação política. É também característica do período a imprensa partidária, na qual os próprios jornalistas eram políticos e o jornal, seu porta-voz. Cada político razoavelmente destacado criava seu clube, cada dois criavam um

jornal, escreve Otto Groth. Em Paris, somente entre fevereiro e março de 1789, surgiram 450 clubes e mais de 200 jornais (MARCONDES FILHO, 2002: 12).

Apesar da função política dos jornais ser sempre lembrada através da Revolução Francesa, houve outros períodos históricos onde os jornais tiveram um papel igualmente grande no exercício de mobilização das massas e na propaganda de idéias. É esse o caso das Revoluções de 1848, onde a imprensa teve um papel crucial na propagação das palavras-de-ordem revoltosas. Por palavra-de-ordem, no presente artigo, entendemos que é um *slogan* que “expressa uma reivindicação, um incitamento à luta, um apelo à mobilização, ou resume uma posição ou doutrina de um grupo” (HOUAISS, 2008 s/n).

Janeiro de 1848: Duas Sicílias e os jornais da *Giovine Italia*

Diferentemente do que imaginamos, a Primavera dos Povos – tal como o ano de 1848 ficou conhecido – não tem início na França com a queda do rei Louis-Philippe I em Fevereiro desse ano. O ano já começara revolucionário em 12 de janeiro de 1848, quando foi iniciada a luta pela a independência da chamada Duas Sicílias do domínio Bourbon.

A data não fora um mero acaso – era o aniversário do Rei Fernando II – e cartazes e jornais foram distribuídos, três dias antes, entre os populares para organizar a luta por uma Constituição e pela formação de um Parlamento Nacional na região, primeiras exigências de um sonho de “Independência, Unificação e República” nos Estados Italianos.

Os antecedentes da Revolução pela Independência da Sicília em 1848 podem ser traçados na fundação da *Giovine Italia* (Jovem Itália) e seu jornal homônimo por Giuseppe Mazzini em 1831 e 1832, respectivamente. A associação, para Mazzini, tinha a função de educação e propaganda para a insurreição (MAZZINI, 1907).

O jornal deveria ser a voz do movimento, divulgando a palavra-de-ordem “Independência, Unificação e República” entre os populares e, assim, reforçando o papel da *Giovine Italia* como “associação compromissada, antes de tudo, a uma perspectiva de insurreição, mas essencialmente educativa desde o primeiro dia” (MAZZINI, 1907).

Antes do *Giovine Italia*, Mazzini participou de outros jornais políticos como o *L'indicatore genovese* (1829), rapidamente fechado pelas autoridades piemontesas. No

entanto, foi a articulação de propaganda e financiamento de sua associação que as idéias de Mazzini criaram raízes na Sicília.

Inspirados pela atividade propagandística da *Giovine Italia*, um grupo da cidade de Lucera – na então Sicília Peninsular – funda, em 1847, a *Propaganda*, considerada inicialmente um braço da própria *Giovine*. Segundo Del Duca (2005), essa organização propagandista teve um importante papel na difusão das idéias revoltosas de 1848.

Esse uso do jornalismo revolucionário como mera forma propagandística – que mais tarde seria contraposta por Vladimir Lenin pelo modelo de jornalismo revolucionário como agitação (LENIN, 1978) – não se resumiu à Revolução de Janeiro de 1848 na Sicília. No mês seguinte, na revolta francesa que inicia oficialmente a Primavera dos Povos, encontramos algumas semelhanças estruturais pertinentes.

Feuereiro de 1848: França e o *Le National*

A queda do Rei Louis-Philippe I em 1848 não pode ser explicada sem tomarmos nota de sua posse no turbilhão da Revolução de Julho de 1830. Ora, nesses tempos, Carlos X, o último rei Bourbon da França, decreta as *Ordonnances de Saint-Cloud*, em 24 de julho de 1830, e suprime a liberdade de imprensa.

Desse modo, os jornalistas se reúnem no diário *Le National*, famoso pela palavra-de-ordem “O Rei reina, mas não governa”, e iniciam o prelúdio da Revolução de Julho que o derrubaria e colocaria o “Rei-cidadão”, Louis-Philippe I. Habermas relembra que

somente a Revolução de Julho, que recebe a sua palavra-de-ordem do *National*, jornal de oposição fundado por Thiers e Mignet, soube devolver à imprensa, aos partidos e, finalmente, ao Parlamento, ampliado pelo direito eleitoral e regido pelo princípio da total publicidade dos debates e deliberações, a liberdade de ação que lhe haviam assegurado os revolucionários Direitos do Homem (HABERMAS, 1984: 90).

Em 1848, o *Le National* ganharia um novo destaque. Como Karl Marx lembra, “sob a monarquia burguesa de Louis Philippe foi formada a *oposição* republicana *oficial* e, conseqüentemente, reconhecida como parte componente do mundo político de então. Ela tinha seus representates nas Câmaras e uma considerável esfera de influência na imprensa.

Seu órgão parisiense, o *National*, era considerado tão respeitável quanto o *Journal des Débats*” (MARX, 2006: s/n – tradução minha).

Percebendo o descontentamento da população com a monarquia, os republicanos do *National* começaram a se misturar no movimento. Novamente, foi o jornal que forneceu a palavra-de-ordem da revolta ao publicar, no dia 22 de fevereiro de 1848, o manifesto de Armand Marrast que conclamava os parisienses a irem às ruas para derrubar o governo.

Após três dias de revoltas, o rei Louis-Phillipe I abdica e é proclamada a Segunda República Francesa, formada, em sua maioria, por membros do *National* (MARX, 2006). Essa não seria a única Revolução na França de 1848, mas antes mesmo de ser consolidada, influenciou o restante da Europa Continental.

Março de 1848: Influência noticiosa na Confederação Alemã e no Império Habsburgo

No dia 24 de fevereiro de 1848, Louis Philippe foi retirado de Paris e a República Francesa foi proclamada. No dia 13 de março seguinte, o povo de Viena quebrou o poder do Príncipe Metternich, e o fez fugir vergonhosamente do país. No dia 18 de março, o povo de Berlin pegou em armas, e, após uma luta obstinada de dezoito horas, teve a satisfação de ver o Rei se render em suas mãos. Revoltas simultâneas de maior ou menor natureza violenta, mas todas com o mesmo sucesso, ocorreram nas capitais dos menores Estados da Alemanha. O povo alemão, se não completou sua primeira revolução, está bem encaminhado na carreira revolucionária (ENGELS, 1999: s/d – tradução minha).

Nesses dois casos revolucionários de 1848 – contra o Rei prussiano Frederick William IV e o Príncipe austríaco Metternich – acredita-se que as notícias sobre a revolta na França foi o estopim mobilizador das diversas insurreições que ocorreram nos Estados Alemães e nos Domínios dos Habsburgo. No entanto, essa é uma leitura muito rasa dos eventos.

Na Confederação Alemã, o sentimento nacionalista e de unificação estava presente desde a Crise do Reno em 1840 e não faltaram jornais que divulgassem tais idéias. O principal deles – o liberal *Die Deutsche Zeitung*, fundado em 1847 – foi uma das principais forças no período.

Sabe-se que a cobertura desse jornal, sediado em uma das províncias prussianas, contribuiu para a divulgação dos eventos de Fevereiro de 1848. Jornais socialistas também

deram ampla cobertura dos fatos franceses. Friedrich Engels, para *Deutsche-Brüsseler Zeitung*, escreveu:

Toda honra aos trabalhadores de Paris! Eles deram ao mundo um impulso que será sentido por todos os países; a vitória da República na França significa a vitória da democracia na Europa inteira. Nossa era, a era da democracia, está surgindo. As chamas do Tuileries e do Palais Royal são a alvorada do proletariado. Em todo lugar, o domínio da burguesia irá agora ruir ou se resumir a pedaços. Alemanha, acreditamos, seguirá. Agora ou nunca, ela irá se levantar de sua degradação. Se os alemães tiverem alguma energia, algum orgulho ou alguma coragem, então, em um mês, nós também estaremos aptos a gritar: “*Longa vida à República Alemã!*” (ENGELS, 2008a: 1 – tradução minha)

Não se sabe ao certo se os jornais socialistas e comunistas influenciaram os alemães. Historiadores, como Gerhard Rempel, afirmam que “o proletariado desempenhou um importante papel na Revolução, mas a influência da Liga Comunista e do *Manifesto Comunista* foram muito pequenos” (REMPEL, 2005: 2 – tradução minha).

Rempel vai além e afirma que “Marx estava tendo trabalho na divulgação de suas idéias aos trabalhadores. O que os moveu foram, realmente, as condições econômicas e a opressão política. Já que o movimento dos trabalhadores parecia estar livre de propaganda, os conservadores da Prússia, como Radowitz, sugeriu a Frederick William IV que o movimento socialista podia ser usado pela monarquia” (REMPEL, 2005: 2 – tradução minha).

No entanto, não foi em todos os lugares que as notícias se mostraram com o estopim da Revolução. Na Áustria dos Habsburgo, por exemplo, “as classes médias foram postas em tal grau de ignorância política por Metternich que, para elas, as notícias de Paris sobre o reinado da Anarquia, Socialismo e Terror, e sobre as iminentes lutas entre capitalistas e trabalhadores, se mostraram bem incompreensíveis” (ENGELS, 1999: s/n – tradução minha).

Engels relata que “eles, em sua inocência política, ou não conseguiam vincular sentido a essas notícias ou acreditavam que eram invenções diabólicas de Metternich, para amedrontá-los visando obediência” (ENGELS, 1999: s/n – tradução minha).

Já na Hungria também dominada pelos Habsburgo, a revolução aconteceu quase que simultaneamente com a de Vienna. Os radicais publicaram panfletos em massa contendo o texto do manifesto *12 Pont (Doze Pontos)* e a letra da música *Nemzeti dal (Canção Nacional)*, de Sandor Petofi. O manifesto, logo em seu primeiro ponto, pedia:

“Nós queremos liberdade de imprensa e o fim da censura”, tal como pode ser visto no *fac-simile* do panfleto original a seguir:



Como no dia seguinte, 15 de março de 1848, o Imperador Fernando I assinou o manifesto, aceitando todas as demandas revolucionárias, o *12 pont* e a *Nemzeti dal* foram os primeiros textos publicados pelos jornais húngaros sem censura prévia.

Junho de 1848: França sem o *Le National*

Quatro meses depois da proclamação da Segunda República, as “Oficinas Nacionais” – oficinas de trabalho para os desempregados, que foram construídas, baseadas na idéia de direito ao trabalho de Louis Blanc, como uma das reivindicações do movimento revolucionário – foram fechadas graças a uma guinada conservadora dentro do Governo.

Os trabalhadores iniciaram novamente a luta por barricadas, mas foram derrotados. Karl Marx, em uma notícia publicada na *Neue Rheinische Zeitung* de 29 de junho de 1848, relata que

os trabalhadores de Paris foram superados por força superior, mas não foram subjugados. Eles foram derrotados, mas seus inimigos desapareceram. O triunfo momentâneo da força bruta foi comprada com a destruição de todas as desilusões e ilusões da Revolução de Fevereiro, a dissolução de todo o partido republicano moderado e a divisão da Nação

Francesa em duas: a nação dos patrões e a nação dos trabalhadores (MARX, 1994: 1 – tradução minha).

O papel dos jornais, dessa vez, foi contrário às forças populares. Assim que a notícia do fechamento das Oficinas Nacionais saiu no jornal *Le Moniteur*, o órgão oficial do Governo Francês, os trabalhadores foram às ruas, mas “nenhuma das grandes figuras republicanas, seja do *National* ou do *Réforme*, ficaram ao lado do povo. Na falta de líderes e outros meios que não fossem aqueles que vieram da própria rebelião, o povo resistiu às forças unidas da burguesia e do exército por mais tempo que qualquer outro soberano francês com todo o aparato militar a sua disposição” (MARX, 1994: 1 – tradução minha).

Esse abandono deve ser interpretado como surpreendente. O *National* fora o jornal que encabeçou duas revoluções (1830 e fev/1848), provendo palavras-de-ordem e conclamando o povo para a mobilização nas ruas. Já essa posição do *Réforme* deve ter desapontado Engels e Marx.

O primeiro escrevera, entre Outubro de 1847 a Março de 1848, nove artigos para o jornal, todos eles sobre o movimento cartista no Reino Unido, considerado um dos primeiros movimentos sociais dos trabalhadores. Além disso, Engels fora o autor de uma matéria, no *Deutsche-Brüsseler Zeitung*, onde ele “agradece o *Réforme* pela forma vibrante na qual defendeu a verdadeira democracia contra o *National*” (ENGELS 2008b: 2 – tradução minha).

Talvez por isso que a *Neue Rheinische Zeitung*, através da notícia de Karl Marx, se coloca contra a cobertura desses jornais, posicionando-se a favor dos trabalhadores contra os abusos da imprensa. Escreve Marx, acerca do destino dos guardas republicanos mortos pelas barricadas, que

o Estado irá cuidar das viúvas e dos órfãos deles, decretos irão elogiá-los, seus restos mortais serão sepultados em procissão solene, a imprensa oficial irá declará-los imortais, a reação européia no Leste e no Oeste irá prestar homenagens a eles. Mas os plebeus são atingidos pela fome, abusados pela imprensa, abandonados pelos médicos, chamados de ladrões, incendiários e peões pelos cidadãos de bem; suas mulheres e crianças são lançadas em uma miséria ainda maior e os melhores daqueles que sobreviveram são exilados. É o direito e o privilégio da imprensa democrática em colocar louros em suas rejeitadas e trágicas testas (MARX 1994: 4 – tradução minha).

Novembro de 1848: Revolta Praieira e o *Diário Novo*

No início do Segundo Reinado, as alas liberais foram ganhando força dentro das principais províncias brasileiras como São Paulo, Minas Gerais e Pernambuco. Nesse último Estado, o governo liberal de Chimorro da Gama tentava, desde 1845, desmontar a estrutura conservadora da família Cavalcanti na máquina governamental.

Os conservadores, conhecidos pejorativamente como guabirus (uma espécie de rato), eram alvos de críticas mais fortes desde que o liberal Partido da Praia – oficialmente Partido Nacional de Pernambuco – foi formado pela ala mais radical do Partido Liberal situada ao redor do jornal *Diário Novo*. A publicação praieira trava uma batalha contra jornais guabirus, tais como o *Diário de Pernambuco*.

Assim, “até 1844, os rebeldes tiveram na imprensa seu meio de luta mais eficiente. Foi criado um diário, o *Diário Novo* que dirigia a atuação de outras folhas menores que o acompanhavam no trabalho sem trégua de criticar e denegrir a administração [conservadora] de Francisco do Rego Barros” (MARSON, 1981: 51). Palavras-de-ordem tais como “Machado que corta lenha, também corta mulungu. Praieiro que tem vergonha, não fala com guabiru” eram veiculadas e logo caíam na “boca-do-povo” (MULTIRIO, 2008).

Havia todo um *background* de abuso de poder conservador que apoiava as demandas liberais. No entanto, quando Dom Pedro II resolve exonerar Chimorro da Gama, as camadas mais populares se unem aos praieiros e se rebelam, chegando a montar guerrilhas no interior do Estado.

O espírito das revoluções européias estava presente, já que os líderes praieiros eram ávidos leitores dos socialistas utópicos Proudhon, Fourier e Owen, sem serem necessariamente socialistas. Além disso, as demandas praieiras e européias eram muito próximas, fazendo com que a revolta pernambucana fosse agrupada dentro do período da Primavera das Nações.

Uma das medidas contra-revolucionárias do governo imperial foi agir contra a imprensa insurgente. Por volta de 1849, o deputado conservador Jerônimo Martiniano Figueira de Mello “interditou os meios de publicação do *Diário Novo*. O chefe da Polícia invadiu a sede do mesmo jornal, confiscou a tipografia, prendeu os impressores e alguns

jornalistas, danificou e deu fim a várias publicações e proibiu qualquer menção pública a favor da rebelião” (SANTOS, 2006: 44).

Conclusão: Queda do jornalismo de propaganda, ascensão do *agit-jornalismo*

O ano de 1848 é lembrado tanto pelo seu processo revolucionário como pelas suas conseqüências contra-revolucionárias. Tal como Karl Marx concluiu sobre a Revolução Francesa de 1848, “a república parlamentar [Segunda República], em sua luta contra a revolução [de Junho], se encontrou obrigada a fortalecer os meios e a centralização do poder governamental com medidas repressivas. Todas as revoluções aperfeiçoaram essa máquina ao invés de quebrá-la” (MARX, 2006: s/n – tradução minha).

Assim, todos os ganhos da mobilização espontânea do proletariado rapidamente foram retirados quando a burguesia resolveu adotar os mesmos métodos dos monarcas. Além disso, a própria estrutura de imprensa se mostrou desfavorável aos trabalhadores que, demonstrando o seu verdadeiro caráter de classe, rapidamente ficou ao lado dos burgueses.

Dessa forma, o próprio movimento socialista entra em uma reflexão sobre as questões de organização e espontaneidade do proletariado. É essa experiência de fracasso revolucionário que anima, quase cinquenta anos depois, os debates da II Internacional sobre tal temática.

Dentro, especificamente, da temática do jornalismo revolucionário, encontramos uma nova visão sobre como o jornal deveria ser o porta-voz dos movimentos de massa. Em *Projeto de declaração da redação do Iskra e da Zaria*, escrito em 1900 e somente publicado no *Léninski Sbórnik* de 1925, Lenin afirma que “a distribuição dos temas e dos problemas indicados, entre a revista [teórica *Zaria*] e o jornal [*Iskra*] se efetuará e em razão das diferenças de extensão dessas publicações e pela diversidade de caráter: a revista deve servir, preferencialmente, à propaganda, o jornal à agitação” (LENIN 1978: 34 – tradução minha). Mas, para ele, o jornal não deve fazer o estilo tradicional de agitação:

A forma de agitação que imperava quase com exclusividade entre nós – a dizer, a agitação através de panfletos [*volantes*] locais – é insuficiente: é pouco já que só toca em problemas locais e, principalmente, nos aspectos econômicos. Devemos nos esforçar para criar uma forma superior de agitação através do jornal, o qual registrará periodicamente as queixas dos trabalhadores, as greves e outras formas de luta proletária e todas as manifestações de opressão política de toda a Rússia, de acordo com os objetivos finais do socialismo e com

as tarefas políticas do proletariado russo, com as conclusões de cada feito (LENIN 1978: 34-5 – tradução minha).

Creio que não será exagero de nossa parte afirmar que a “forma superior de agitação” proposta por Lenin equivale, no limite, a um *watchdog* “de acordo com os objetivos finais do socialismo e com as tarefas políticas do proletariado russo” (LENIN 1978: 35 – tradução minha). O jornal, no caso o *Iskra*, deveria ser o cão-de-guarda do proletariado, acompanhando-o na luta de classes e protegendo-o da opressão política.

Essa idéia leninista entra em consonância negativa com o surgimento do jornalismo objetivo, adepto do *watchdog* independente de crítica governamental apartidária, com a *penny press* nos Estados Unidos. Os dois novos jornalismo são pautados mais pela investigação do que pela propaganda, mais pela agitação ou pela vigia do que pela simples sugestão de palavras-de ordem.

Talvez seja necessário um estudo mais profundo do jornalismo praticado em 1848, pois, tal como ele foi uma fronteira na concepção de como as lutas democráticas e sociais devem ser feitas, ele também pode ser um divisor dentro da nossa compreensão histórica do jornalismo. Um divisor não de mudança, mas sim um marco temporal de quando o jornalismo começou a se dividir entre independentes-objetivos e partidários-revolucionários.

Referências Bibliográficas

CARLYLE, Thomas. *Heroes and Hero Worship*. Champaign: Project Gutenberg, 1997.

DEL DUCA, Tonino. “Tentativi Rivoluzionari nella Lucera del 1848: La Propaganda”. *Meridiano 16*. Foggia: CTS-Giovanile, 25/02/2005. Disponível na Internet em: <http://www.meridiano16.com/relazioni%20e%20appunti/appunti/Storia%20Locale/Tentativi1848.pdf>. Acesso em 17/11/2008.

ENGELS, Friedrich. *Revolution and Counter-Revolution in Germany*. Fremont: Marxists Internet Archive, 1999. Disponível na Internet em:

<http://www.marxists.org/archive/marx/works/1852/germany/index.htm>. Acesso em 17/11/2008.

ENGELS, Friedrich. *Revolution in Paris*. Fremont: Marxists Internet Archive, 2008a. Disponível na Internet em: <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1848/02/27.htm>. Acesso em 17/11/2008.

ENGELS, Friedrich. *The Réforme and the National*. Fremont: Marxists Internet Archive, 2008b. Disponível na Internet em: <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1847/12/30.htm>. Acesso em 19/11/2008.

HABERMAS, Jurgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública* (trad. Flávio R. Kothe). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984;

HOUAISS, Antônio. “Palavra”. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa online*. São Paulo: UOL/Houaiss, 2008. Disponível na Internet em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=palavra&cod=141007>. Acesso em 17/11/2008.

LENIN, Vladimir I. “Proyecto de declaracion de la redaccion de *Iskra* y de *Zaria*”. In: LENIN, Vladimir I. *La información de clase* (trad. Marisa Cortazzo). 3ª ed, Cidade do México: Siglo XXI, 1978, p. 29-38.

LOPES, Dirceu F. “Uma História marcada por censura e resistência” *Jornal da USP*. São Paulo: CCS-USP, 02/06/2008, p. 8-11.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo – a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker, 2002.

MARSON, Izabel A. *A Rebelião Praeira*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MARX, Karl. *The June Revolution*. Fremont: Marxists Internet Archive, 1994. Disponível na Internet em: <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1848/06/29a.htm>. Acesso em 19/11/2008.

MARX, Karl. *The 18th Brumaire of Louis Bonaparte*. Fremont: Marxists Internet Archive, 2006. Disponível na Internet em: <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1852/18th-brumaire/index.htm>. Acesso em 17/11/2008.

MAZZINI, Giuseppe. “Istruzione generale per gli affiliati nella Giovine Italia”. In: MAZZINI, Giuseppe. *Scritti editi e inediti*. Imola: Galeati, 1907.

MULTIRIO. *A Disputa Política e o Problema Social em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Secretaria de Educação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2008. Disponível na Internet em: http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo02/disputa_politica.html. Acesso em 19/11/2008.

REMPEL, Gerhard. *1848: Revolution and Reaction*. Palestra na Western New England College. Springfield: Western New England College. Disponível na Internet em: <http://web.archive.org/web/20051210142541/http://mars.acnet.wnec.edu/~grempel/courses/germany/lectures/081848.html>. Acesso em 17/11/2008.

SANTOS, André M. “Atividade tipográfica em Pernambuco e a construção da Biblioteca Pública no século XX”. *Cadernos de Olinda*. nº 03. Olinda: Instituto Histórico de Olinda, 03/12/2006, p.42-7.